

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MARINA DO VALE PEREIRA RAMOS ADAMY

JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO DIÁRIO:
AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DA REALIDADE

CURITIBA

2008

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MARINA DO VALE PEREIRA RAMOS ADAMY

JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO DIÁRIO:
AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DA REALIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel no Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Tuiuti do Paraná.
Orientador: Professor Dr. Álvaro Nunes Lorangeira.

CURITIBA

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Vidal e Sara, por acreditarem em mim.

Aos meus irmãos, Daniel e Aline, por seu carinho e amizade.

Ao meu orientador por seu apoio e paciência.

A todos meus amigos, em especial aos da faculdade, pela troca de experiências que contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Ao meu marido.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar as aproximações e as diferenças entre o jornalismo e a literatura. Para isso, traz uma breve pesquisa bibliográfica sobre o Jornalismo Literário no Brasil e no mundo, mencionando grandes escritores que também atuaram em jornais, como Machado de Assis, Charles Dickens e Gabriel Garcia Marquez. Por fim, traz a análise do livro-reportagem *Abusado*, do jornalista brasileiro Caco Barcellos, apresentando algumas particularidades que este tipo de narrativa apresenta em relação ao jornalismo encontrado nas páginas de jornais diários.

Palavras-Chave: Jornalismo literário; livro-reportagem; Caco Barcellos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. O JORNALISMO LITERÁRIO	8
2.1. JORNALISMO LITERÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS	12
2.2. JORNALISMO LITERÁRIO NA INGLATERRA	15
2.3. JORNALISMO LITERÁRIO NA FRANÇA	17
2.4. JORNALISMO LITERÁRIO NA AMÉRICA LATINA	18
2.5. JORNALISMO LITERÁRIO NO BRASIL	20
3. O LIVRO REPORTAGEM	23
4. ABUSADO DE CACO BARCELLOS	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário, modalidade que agrega elementos literários às notícias, tem sido tema de intenso debate entre os profissionais que prezam pela qualidade do texto jornalístico. Existem inúmeros escritores jornalistas e vice-versa, que causam impacto com suas obras controversas nas quais narram fatos reais usando técnicas peculiares às obras literárias.

O uso de elementos literários no meio jornalístico já acontece há tempos. Um dos primeiros escritores jornalistas brasileiros foi Machado de Assis, que trabalhou, entre outros, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, onde publicou diversas crônicas com temas relacionados à sociedade brasileira da época. Segundo Nelson Werneck Sodré (1977), as obras deste autor brasileiro seriam uma “constante e cerrada busca da verdade” (p. 290).

Além de Machado, muitos outros escritores se aventuraram pelo terreno do jornalismo, seja através de crônicas ou de grandes reportagens, no qual misturavam fatos reais a uma linguagem um pouco mais subjetiva, ultrapassando os limites do jornalismo convencional.

Na verdade, o Jornalismo e a Literatura mantêm relações muito próximas e se desenvolveram de forma paralela ao longo dos anos. Esta aproximação faz com que tanto o Jornalismo Convencional quanto o Jornalismo Literário tenham certas semelhanças, pois possuem “um propósito igualmente válido: o emprego da subjetividade como recurso para a apreensão da realidade” (SANTOS). A finalidade desses dois conhecimentos

narrativos, portanto, é a de expor ao leitor fatos reais, porém, esta realidade será percebida e interpretada de maneiras diferentes.

De acordo com Felipe Pena (2006), “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais” (p. 14). Segundo o autor, os princípios do texto jornalístico continuam importantes e são os mesmos, como a apuração rigorosa, a observação, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outros.

Antonio Olinto, que escreveu um dos primeiros ensaios no Brasil sobre o tema, observou que “o jornalismo trata dos mesmos dramas humanos que a literatura, só que através do filtro da rotina” (Castro, 2005, p. 75). O jornalista e escritor Carlos Cony (2008) segue a mesma linha de pensamento de Olinto e concorda que “o jornalismo distingue-se da literatura por ser uma expressão datada” (p. 15).

A realidade é que estas duas expressões da comunicação humana estão, de uma maneira ou outra, ligadas: “Escritores e jornalistas participam do mesmo universo: o da narração” (Castro, 2005, p. 80) e aventuram-se pelo mesmo mundo: o das palavras.

Durante a história o jornalismo impresso e a literatura “aproximam-se, intersectam-se, afastam-se, em particular desde a etapa histórica em que a imprensa ganha sua feição moderna, industrial, a partir da última metade do século XIX” (LIMA, 2004, p. 173). Moacir Sclyar (2005), entretanto, concorda que há uma fronteira entre o jornalismo e a ficção, mas que esta é uma fronteira permeável, “que permite uma útil e amável convivência” (p. 14).

O presente trabalho tem como objetivos explorar o conceito de Jornalismo Literário mostrando as aproximações e as diferenças entre os dois conhecimentos narrativos que fazem parte dele: o Jornalismo e a Literatura. Traz, também, reflexões sobre as diferentes percepções da realidade através da análise de algumas passagens de um livro-reportagem. O tema deste trabalho é de grande relevância para profissionais da área de comunicação.

2. O JORNALISMO LITERÁRIO

As relações entre o Jornalismo e a Literatura sempre foram muito próximas. Segundo Roberto Nicolato (2006), “ao longo da história, os dois campos do conhecimento divergem e convergem, tanto no que concerne às funções quanto ao discurso de cada um”. Entre as diferenças e as semelhanças, porém, “de maneira indubitável, os dois mantêm-se unidos pela utilização da palavra no tempo e no espaço” (p. 1).

Para este autor, embora estas duas formas de narrativa apresentem semelhanças, a relação entre jornalismo e literatura nunca deixou de levantar discussões, como aquela, defendida por Antonio Olinto, em que o Jornalismo é considerado um gênero literário:

O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. Entre os dois elementos, não há diferença técnica, a não ser em espécie e intensidade (...) o que acontece é que o plano do jornalismo é o de uma literatura para imediato consumo. (OLINTO apud NICOLATO, 2006, p. 10).

Na verdade, o diálogo entre Jornalismo e Literatura sempre aconteceu diante de muitos questionamentos. Estudiosos trouxeram à tona fatos relevantes sobre este contato mútuo: suas semelhanças, suas diferenças, seus conceitos. De acordo com Nicolato, ao longo da história estes dois elementos:

(...) se confluem e divergem, numa contaminação incessante que se dá em maior ou menor grau, na medida em que cada um deles é ameaçado por crises de criatividade ou quando suas funções ou representatividades estão em xeque, numa sociedade em contínuo processo de mudanças. (NICOLATO, 2006, p. 2).

Para Sérgio Villas Boas (2008), os ensaios e debates sobre o tema giram quase sempre em torno de oposições periodísticas, dilemas profissionais-comportamentais; afãs classificatórios; e digressões filosófico-estéticas. Segundo o autor, porém, “certas coisas

na vida se tornam encantadoras pelo prazer do trajeto, não pelo foco do destino”, Villas Boas prefere se ater apenas ao casamento íntimo entre Jornalismo e Literatura e observar suas peculiaridades (p. 20). Para ele, algumas das características básicas do Jornalismo Literário devem ser estudadas como a “imersão, humanização, exatidão, autoria e criatividade” (p. 21).

À parte as opiniões divergentes sobre o tema, Pena (2006) acredita que a Literatura e o Jornalismo sempre andaram lado a lado, entretanto, tomando como base a classificação de Marcondes Filho (apud PENA, 2006) o autor cita que:

A influência da Literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e literatura (p. 28).

Desta forma, de acordo com o autor, foi principalmente no século XIX que a influência da Literatura sobre o Jornalismo tornou-se mais visível, quando houve uma mescla de pontos de vista, e onde Jornalismo e Literatura se confundiram: “O casamento entre imprensa e escritores era perfeito” (Idem, p. 32).

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX, “época em que muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins e publicam suplementos literários” (p. 174). Lima salienta que:

num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura, Num segundo, é está quem descobre no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos

poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade (LIMA, 2004, p. 178).

É importante ressaltar, portanto, que o Jornalismo se desenvolveu de forma paralela à Literatura e que a presença de escritores na imprensa é percebida até nos dias de hoje. Todavia, os autores citados acreditam que durante o século XIX os jornais e a literatura estavam bastante próximos: a linguagem utilizada era semelhante e a presença de escritores na imprensa era grande. Os escritores trabalhavam como repórteres, editores e cronistas, publicavam folhetins e marcavam forte presença nos jornais da época (PENA, 2006, p. 40).

As fontes tradicionais, entretanto, ao citarem o Jornalismo Literário, por vezes acabam deixando de mencionar aquela que por alguns estudiosos é considerada a época mais frutífera da união entre o Jornalismo e a Literatura. Buscam apenas classificar o termo Jornalismo Literário em algo, ou se atêm a outras épocas, como a do tão lembrado *New Journalism* americano.

Sobre o sentido da expressão Jornalismo Literário, Pena (2006) afirma que é difícil classificar as tendências do Jornalismo Literário. Segundo o autor, “há muitos caminhos, muitos conceitos, muitas idéias. Nenhuma delas é absoluta, mas cada uma contribui para o estudo do tema” (p. 105).

Seguindo esta linha de raciocínio, é difícil a tarefa de nomear um precursor do Jornalismo Literário, pois o conceito de Jornalismo Literário é bastante amplo. Porém, de acordo com Pena,

(...) alguns historiadores consideram Daniel Defoe o primeiro jornalista literário moderno (...) foi em 1725, por uma série de reportagens policiais em que misturou Literatura e Jornalismo, utilizando as técnicas narrativas de seus

romances para tratar de fatos reais, que começou a atuar na imprensa (2006, p. 53).

Já de acordo com Rangel e Ribeiro (2006), “os primeiros anúncios do Jornalismo Literário começaram a ser percebidos nos Estados Unidos, por volta de 1920. Os jornalistas que fizeram a cobertura da guerra perceberam que necessitavam se aprofundar e levar ao leitor detalhes mais precisos, além de narrativas, imprimirmos textos à emoção, fazendo relatos mais humanizados” (p. 2). Belo concorda com estes autores e menciona que, “o divisor de águas capaz de gerar uma torrente de produção jornalístico literária no mundo foi o fim da Segunda Guerra” (Belo, p. 22).

Tom Wolfe ressalta, no entanto, que os escritores do realismo social podem ser considerados repórteres do seu tempo. O fato é que escritores que têm como profissão o jornalismo e jornalistas que aprofundam suas reportagens, a ponto de um leitor confundilas com uma obra de ficção, se fazem presentes até os dias de hoje.

Alguns acreditam que o Jornalismo e a Literatura se completam e que o dia-a-dia na redação pode auxiliar o escritor, por exemplo. Outros, como o escritor norte-americano Ernest Hemingway, concordam que “o jornalismo, depois de um certo ponto, pode vir a se tornar uma autodestruição diária para um escritor sério e criativo” (BRITO, 2008, p. 61).

Num estudo sobre a influência do jornalismo sobre o trabalho de escritor, Cristiane Costa entrevistou dezenas de profissionais para descobrir se o uso das duas formas de narrativa paralelamente é considerado benéfico ou prejudicial ao trabalho tanto de um quanto de outro profissional em questão. Parte dos depoimentos colhidos em sua pesquisa

foi também publicada no livro *Literatura e Jornalismo*, organizado por José Domingues de Brito. Este faz uma compilação de relatos de escritores e jornalistas sobre o assunto.

Antonio Fernando Borges, por exemplo, acredita, que “a prática diária de escrever é sempre benéfica a um escritor: quem escreve sempre melhora de quinze em quinze minutos” (p. 35). José Saramago concorda que “o jornalismo não preparou o escritor” (in BRITO, 2008, p. 113). Já o jornalista e romancista Bernardo Ajzenberg fala que

A atividade jornalística é prejudicial a um aspirante a um escritor, na medida em que se trata de duas linguagens de última instância opostas entre si. A mente do jornalista deve funcionar de modo diferente da mente do escritor. (...) Jornalismo é um ofício, que requer técnicas e talento, como qualquer outro ofício. Literatura, no sentido escrito do termo, é arte (...). (AJZENBERG in BRITO, 2008, p. 42).

À parte discordâncias sobre o tema e diante de tantas visões diferentes sobre as particularidades dos dois campos, é válido lembrar que “em termos modernos, a literatura e o jornalismo são vasos comunicantes, são formas diferentes de um mesmo processo” (SCHNAIDERMAN, apud LIMA, 2004, p. 179).

2.1. JORNALISMO LITERÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS

Muito antes de nomes como Truman Capote, Gay Talese e Normal Mailer despontarem no cenário literário e jornalístico dos Estados Unidos outros escritores também expuseram a realidade através de obras literárias, o norte-americano John Reed, por exemplo, já se aventurava entre as duas áreas de conhecimento narrativo. Reed é apontado, por estudiosos da comunicação, como um dos precursores do chamado Jornalismo Literário e pai do livro-reportagem moderno (BELO, 2006, p. 22).

O autor de *Dez dias que abalaram o Mundo*, mais famoso relato sobre a Revolução Russa de 1917, teve, de acordo com Pena, “sua primeira grande experiência como repórter de guerra em 1914, quando recebeu um convite da *Metropolitan* para viajar como correspondente ao México e acompanhar a rebelião liderada por Pancho Villa” (PENA, 2006, p. 108).

Pena afirma que durante sua visita ao México, Reed em pouco tempo já “se encontrava no epicentro da Revolução Mexicana, viajando pelo país com Villa e mandando aclamadas histórias dos bastidores revolucionários” (Idem, p. 108).

Mais tarde, Reed viajaria à Rússia, onde visitaria as aldeias queimadas e saqueadas por cossacos e onde presenciaria o genocídio de judeus e ciganos (Idem, p. 109), acontecimentos que culminariam no livro mais lembrado deste escritor-jornalista. Pena comenta que ao escrever seu relato sobre a Revolução Russa, o autor se encontrou diversas vezes com Lênin, de quem então, se tornou amigo (p.109).

Outro norte-americano que transitou tanto pelo terreno do jornalismo quanto pelo terreno da literatura foi Ernest Hemingway. De acordo com Nicolato (2006), Hemingway acreditava, num primeiro momento, que “as técnicas jornalísticas poderiam melhorar o estilo de um jovem literato” (p. 9). Mais tarde, Hemingway acrescentaria que o trabalho jornalístico poderia ajudar um jovem literato se este “caísse fora a tempo” (in BRITO, 2008, p.61). Sobre o autor,

os críticos o acusavam de relatar os fatos à distância. Sem presenciar nem reconstituí-los de maneira fidedigna. Também diziam que ele empregava colorações muito mais vivas que as reais em seus relatos (BELO, 2006, p. 45).

O Jornalismo Literário nos Estados Unidos começou há tempos, todavia, ao falarmos sobre este estilo neste país, não há como não citar a época que ficou conhecida como *New Journalism* ou o “Novo Jornalismo”. Segundo Ribeiro e Rangel o Novo Jornalismo:

Evidencia o mesmo tom de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade. À objetividade da captação linear, lógica, somava-se à subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés a cabeça no real. (2006, p. 4)

Muito associam o nome de Tom Wolfe com esta tendência literária e jornalística, Pena afirma, porém, que

na verdade, Wolfe não é o percussor do estilo. Segundo o professor Carlos Rogé, o termo novo jornalismo apareceu pela primeira vez em 1887, mas foi usado de forma jocosa para desqualificar o britânico WT Stead, (...) um repórter engajado nas lutas sociais, que recriava a atmosfera das entrevistas em seus textos e fazia matérias participativas. Em uma delas, “comprou” uma menina de 13 anos da própria mãe para denunciar a prostituição infantil – o que lhe rendeu meses na cadeia (PENA, 2006, p. 52).

Entretanto, Tom Wolfe escreveu matérias controversas, o autor adotou o uso de travessões, pontos de exclamação, e pontuações que nunca haviam sido usadas antes no meio jornalístico. Usava recursos curiosos como gritos, onomatopéias, entre outros elementos gramaticais e lexicais, que o leitor daquele tempo não estava acostumado a ver em um texto factual.

De acordo com Rangel e Ribeiro, o Novo Jornalismo, como uma corrente expressiva do jornalismo literário, ultrapassou os limites do jornal impresso (2006, p. 11) e, segundo Lima, o *New Journalism* trouxe calor, vida rostos e nomes (p. 46).

2.2. JORNALISMO LITERÁRIO NA INGLATERRA

Alguns historiadores consideram o escritor e jornalista inglês Daniel Defoe o primeiro jornalista literário moderno. Segundo Pena, o autor de *Robson Crusoe* começou a atuar na imprensa em 1725 através de “uma série de reportagens policiais em que misturou Literatura e Jornalismo, utilizando as técnicas narrativas de seus romances para tratar de fatos reais” (Idem, p. 53). De acordo com Maria Elisa Cevasco e Valter Siqueira (1993), Defoe é considerado por muitos o primeiro romancista inglês, e como foi também jornalista, “trouxe para ficção a impressão de *fato verdadeiro*” (p. 43).

Segundo Tom Wolfe (2005), os romancistas do realismo social realizavam um verdadeiro trabalho de captação do real, agindo como se fossem repórteres do seu tempo. De acordo com Galeno (2005) “certos acontecimentos históricos e sociais, refletidos, por exemplo, nos romances de Stendhal, Dickens ou Tolstoi têm uma realidade e uma autenticidade tão profunda quanto a transmitida pelo jornalismo” (p. 11).

Na Europa, um grande número de escritores exerceu o jornalismo. De acordo com Pena:

é exatamente nos cafês de Londres, no começo do século XVII, que Bill Kovach e Tom Rosenstiel situam um possível início do que eles chamam de moderno jornalismo. Lá, os donos dos pubs (casas públicas) estimulavam as conversas com viajantes, pedindo que contassem o que tinham visto pelo caminho (2006, p. 27).

Na Inglaterra, por exemplo, Charles Dickens e Walter Scott escreveram suas obras primeiramente em folhetins. Dickens possuía um “olhar perspicaz e talento para os retratos e caricaturas” que refletiam em seus artigos e crônicas para jornais londrinos

(PENA, p 28). A inspiração para *Oliver Twist*, seu romance mais famoso publicado em 1838, veio, de acordo com Pena, de sua infância difícil e da observação da realidade em que vivia (Idem).

Sobre Dickens, Wolfe comenta que o escritor visitou três cidades do Yorkshire “usando nome falso e fingindo estar procurando escola para o filho de um amigo viúvo, a fim de entrar nos mal-afamados internatos do Yorkshire para coletar material para *Nicholas Nickelby*” (p. 66).

De acordo com Cevasco e Siqueira (1993), Dickens é um artista completo. Segundo os autores, “há de tudo em Dickens”: o humor, já em sua primeira obra; o sentimentalismo e a denúncia social; a crítica as severas escolas vitorianas; o ataque ao poder do dinheiro etc. Os autores alegam também, que “quem leu Dickens sabe que ao lado da impressão da vida como ela é, há em seus romances melodrama, pieguice, moralismo e improbabilidade” (p. 36).

Perante as características das obras de Dickens, mencionadas acima, uma delas se destaca em toda obra deste autor inglês, a impressão de realidade, na qual um leitor mais desinformado pode até se perder por não saber se está lendo uma ficção baseada em fatos da sociedade, ou uma história verdadeira com uma narrativa mais ficcional.

Outro britânico de destaque é George Orwell. Nascido Eric Arthur Blair, o autor de *1984* e *A Revolução dos Bichos* foi também um jornalista engajado em causas sociais: “numa primeira fase, Orwell escreveu romances de cunho social, nos quais seu talento de repórter lhe permitia um enfoque acurado de aspectos da realidade da década de 30” (Idem, p. 82). Na Grã-Bretanha há também outros grandes escritores que se aventuraram

pelas duas formas de narrativa, o jornalismo e a literatura, como Henry Fielding, Virginia Woolf e Jonathan Swift, escritores que escreviam críticas acirradas da sociedade em que viviam ao mesmo tempo em que compunham suas mais famosas obras de ficção.

2.3. JORNALISMO LITERÁRIO NA FRANÇA

Na França, autores como Vitor Hugo, Honoré de Balzac e Alexandre Dumas trabalhavam em jornais e escreviam suas obras literárias de ficção concomitantemente. Vitor Hugo, autor de *Os Miseráveis*, por exemplo, paralelamente às suas atividades literárias e jornalísticas, “teve participação decisiva na história política e social da França, com destaque para seu forte engajamento na revolução de 1848” (PENA, p. 33).

O francês Alexandre Dumas, escreveu, entre outros, para o jornal *le Siècle*, “em cujas páginas foi impresso um dos maiores clássicos da literatura mundial escrito pelo autor, *Os três mosqueteiros*” (Pena, p. 30).

Já Honoré de Balzac, segundo Wolfe, “orgulhava-se de ser o secretário da sociedade francesa” (1973 apud LIMA, 2004, p. 182). O escritor francês publicou um folhetim por ano no jornal *La Presse* de 1837 a 1847 (PENA, p. 30). De acordo com Pena (Idem), Balzac merece grande destaque:

“(…) pela vastidão e qualidade de sua obra, reunida no compêndio intitulado *A comédia humana*. A literatura de descrição e narrativa inspiradas fortemente nos fatos sociais e nos acontecimentos corriqueiros acabaram por torná-lo, além de escritor, um verdadeiro historiador da vida privada. Tinha verdadeira paixão pelo que tantos soava comum e isso se refletiu ao longo de toda a sua produção literária” (PENA, p. 32).

De acordo com Tom Wolfe, realistas sociais como Balzac se encantavam tanto com o realismo puro, que esta atração chegou a ser, de alguma maneira, prejudicial as suas carreiras. Segundo o autor, nem Balzac e nem Dickens foram considerados artistas literários em vida. Wolfe ainda completa que Balzac nem mesmo foi convidado a fazer parte da Academia Francesa (2005, p. 66).

2.4. JORNALISMO LITERÁRIO NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina, o colombiano Prêmio Nobel de Literatura, Gabriel García Márquez, trabalhou, entre os anos de 1948 e 1955, como jornalista nas cidades de Cartagena, Barranquilla e depois no jornal *El Espectador* de Bogotá (PENA, 2005). Durante toda sua vida Márquez exerceu a profissão de jornalista ao mesmo tempo em que escrevia suas obras mais famosas, recheadas de um realismo mágico.

Gabriel García Márquez produziu diversos trabalhos jornalísticos, entre eles grandes reportagens e críticas de cinema (Idem). Os livros *Relato de um naufrago* e *Notícia de um Seqüestro* são algumas das obras em que Márquez expôs fatos reais numa forma romanceada. Segundo Heloiza Herscovitz (2004), sua obra *Crônica de uma morte anunciada* “explora os significados de um evento factual e ao mesmo tempo transcende o factual à medida em que o escritor modifica um incidente real” (p. 190).

É importante ressaltar que ao contrário de autores como Hemingway ou Saramago, Gabriel García Márquez acredita que as duas funções, a de escritor e a de jornalista, podem, sem dúvida, ser exercidas ao mesmo tempo. Para ele “o leitor é quem diferencia

radicalmente o que lê. (...) um único fato inexato basta para desqualificar um artigo, enquanto um único fato verdadeiro dentro de um romance leva a crer que todo o resto é autêntico” (in BRITO, 2008, p. 76).

Segundo García Márquez, não existe uma grande diferença entre o jornalismo e o romance, “as fontes são as mesmas, o material é o mesmo, os recursos e a linguagem são os mesmos” (Idem, p. 76). De acordo com Herscovitz, Gabo, como o autor é conhecido, “faz uma fusão muito peculiar entre jornalismo e literatura, sendo a última o elemento predominante”, a autora fala que em alguns de seus textos Márquez “rejeita a razão e descreve uma realidade quase sobrenatural, distanciando-se dos cânones jornalísticos que estabelecem a objetividade como ideal da profissão” (2004).

De acordo com Roberto Nicolato (2006), “para García Márquez, o jornalismo deveria ser cada vez mais poético e a literatura se tornar mais informativa” (p. 9). Muitos jornalistas, até hoje, citam esta célebre frase do autor para definir o Jornalismo Literário.

Além de Márquez, outros escritores latino-americanos exerceram a função de repórteres, Mario Vargas Llosa, o mexicano Carlos Fuentes, Julio Cortazar e o argentino Jorge Luiz Borges são alguns “intérpretes de eventos” de suas épocas.

A literatura na América Latina teve um papel social muito forte, bem como o jornalismo nesta região. Segundo Herscovitz, “com suas variantes em cada país da região, seria um reflexo do sistema político, econômico e cultural de cada nação” (p. 178). A autora acrescenta que o repórter era considerado então, um intérprete de eventos, e que a imprensa na América Latina mistura ativismo político e literatura (Idem, p. 179).

O jornalismo literário latino americano, se diferencia do norte-americano, por exemplo, por ser uma forma de súplica. Na América Latina, os jornalistas sempre defenderam causas sociais. O Jornalismo Literário foi bastante influenciado pelas correntes jornalísticas regionais e, de acordo com Heloiza Herscovitz, os escritores latino-americanos da geração de Márquez “romperam com o realismo tradicional e abraçaram um mundo no qual a fantasia e a realidade fundiram-se para formar uma nova esfera chamada realismo mágico”.

2.5. JORNALISMO LITERÁRIO NO BRASIL

No Brasil, muitos estudiosos conferem a Euclides da Cunha o título de precursor Jornalismo Literário. A obra “*Os Sertões*”, relato sobre a Guerra de Canudos, que aconteceu de 1893 a 1897, nasceu de reportagens que o escritor enviou para o *Estado de S. Paulo* quando era correspondente de guerra (BELO, p. 2).

De acordo com Santos (2004), os primeiros jornalistas no Brasil eram escritores. Segundo o autor, “como já não havia mais uma aristocracia tão disposta a assegurar a sobrevivência dos intelectuais, esses se viam compulsoriamente arrastados para o jornalismo, o funcionalismo ou a política”.

Santos (2005) acredita que no Brasil, como em outras partes do mundo, a crônica foi a forma oportuna de passagem entre o livro e o jornal. Segundo Rangel e Ribeiro (2006), “a crônica recebe total influência do jornalismo literário. É o único gênero

literário produzido especialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal” (p. 7).

Neste ponto, o escritor Machado de Assis “vivenciou o instante híbrido em que o jornal se configurava como nova forma, mas que ainda conservava vestígios do livro”. A carreira de Machado de Assis como jornalista foi marcante. Além de grande exemplo como cronista folhetinesco, Machado foi repórter no Senado e publicou diversas críticas sobre a sociedade brasileira em jornais como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Mercantil* (PENA, 2006, p. 31).

Machado de Assis “começa a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto em paralelo vai edificando a carreira de escritor com seus primeiros versos e novelas” (SODRÉ apud LIMA, 2004).

Outro escritor brasileiro que também trabalhou no jornal *Correio Mercantil* foi o escritor cearense José de Alencar. Ele escrevia na coluna “Ao correr da pena”, que posteriormente teve continuação em outro jornal, *O Diário do Rio de Janeiro*. Neste último, Alencar, além de mais tarde se tornar editor-chefe, pôde escrever seu primeiro folhetim nos moldes de um romance em fascículos, *Cinco Minutos* (PENA, 2006, p. 31). José de Alencar “iniciou sua carreira jornalística em 1850, colaborando no *Jornal do Commercio*” (Idem).

Os escritores brasileiros Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo e Visconde de Taunay também trabalharam em jornais. O escritor Manuel Antonio de Almeida, por exemplo, publicou em 1852 *Memórias de um Sargento de*

Milícias nas páginas do *Correio Mercantil*, dando abertura a outros escritores para publicar seus folhetins (PENA, p. 31).

A revista *O Cruzeiro*, nascida em 1928, também apresentava um jornalismo com “viés literário” (BELO, 2006, p. 28). Na década de 60, foi a revista *Realidade* que inovou na linguagem e na liberdade de enfoque e rompeu com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil. A revista *Realidade* “teve o mérito de encontrar uma expressão literária própria, ajustado ao relato do real” (LIMA, 2004, p. 230). Estas duas revistas nacionais introduziram um novo estilo e são tidas como o ‘ponta pé inicial’ do jornalismo literário em nosso país.

Na verdade, de acordo com Lima, quase todos os escritores brasileiros do século XIX (até o começo do século XX) passaram por jornais (Idem). Até nos dias de hoje é comum observar escritores trabalhando com o jornalismo e com a literatura ao mesmo tempo:

Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários (SCHNAIDERMAN, apud LIMA, 2004, p. 179).

Na década de 1960, segundo Rangel e Ribeiro, encontram-se bons exemplos de jornalismo literário, como é o caso da já mencionada revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*, ambos lançados em São Paulo, em 1966 (2006, p. 2).

Eduardo Belo comenta que a cobertura da imprensa tem se tornado, de modo geral, cada vez mais burocrática e superficial, “obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos” (p. 14). Ele cita então, que a reportagem

livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa a partir do século XX e é ela que vai sustentar o jornalismo literário aqui no Brasil (p. 19).

3. O LIVRO REPORTAGEM

Segundo Rangel e Ribeiro, o livro reportagem serve para “estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional”. Os autores afirmam que, diferente de uma reportagem publicada em jornal, o livro-reportagem tem potencial para assumir posturas experimentais (2004, p. 5).

De acordo com os mesmos autores, é na década de 60, com o Novo Jornalismo, que o livro-reportagem aparece com toda a sua força e vem a se tornar, então, o veículo mais comum para esse novo gênero (Idem). Lima afirma que o livro como veículo jornalístico surgiu a partir da necessidade de aprofundamento em reportagens de importantes e acrescenta que o jornalismo no Brasil tende para mediocridade, portanto, esta “a decadência da grande reportagem na imprensa nacional facilita a ascensão do livro reportagem” (p. 26).

Os livros-reportagem trazem certa liberdade temática, liberdade de angulação. Lima comenta que a presença expressiva do autor pode ser muito forte neste tipo de narrativa (Idem, p. 36). Outras liberdades como a de fontes, a temporal, e propósito também estão presentes, o autor “tem como explorar ao máximo a cultura e a linguagem dos personagens sobre os quais se quer trabalhar” (Idem, p. 38).

Segundo Belo, há um aprofundamento da abordagem e da construção da narrativa no livro-reportagem, que traz informação com densidade. Ele acrescenta que nos Estados Unidos e na Europa

a tradição da reportagem abre espaço para explorar mais profundamente nos livros temas que não interessam a jornais e revistas ou que já tenham sido muito abordados pelos periódicos. É comum encontrar nas livrarias americanas livros com diferentes enfoques sobre um mesmo assunto (2006, p. 40).

Para o autor, o livro-reportagem é um “instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico” (p. 41). Segundo ele, uma de suas características mais marcantes é o mergulho profundo dos fatos, personagens, situações (p. 42).

Lima acredita que a produção de livros-reportagem no Brasil é considerada crescente embora os escritores-jornalistas enfrentem algumas dificuldades como a falta de verbas, tempo e espaço. O autor cita nomes como os de Caco Barcellos, Fernando Morais, Carlos Wagner e Percival Pessoa como exemplo de autores de livros-reportagem bem sucedidos em nosso país (p. 13).

Em vista das dificuldades apresentadas, como a questão de espaço e tempo, por exemplo, o livro-reportagem tem sido um dos únicos meios de se exercer, no Brasil, o jornalismo literário, “gênero em que a experimentação é possível e em que forma e conteúdo gozam de igual importância” (Belo, Idem, p. 119).

Segundo Lima, o livro-reportagem está constantemente “bebendo na generosa fonte inspiradora da literatura” (Idem, p. 40). Nele, de acordo com Sato “mais do que nunca os meios de percepção e representação da realidade estão em questão e colocam em xeque o próprio estatuto do real” (p. 30).

4. ABUSADO DE CACO BARCELLOS

No livro *Abusado*, o jornalista brasileiro Caco Barcellos escreve um relato sobre mundo do crime e suas organizações. Este livro-reportagem conta de forma romanceada os modos de operação de facções criminosas numa das favelas mais violentas da cidade do Rio de Janeiro, a Dona Marta.

Localizada no morro Santa Marta, a favela ficou bastante conhecida depois que o cantor norte-americano Michael Jackson fez a gravação de um videoclipe no local e teve sua proteção garantida não pela polícia carioca mas, pelos próprios traficantes do morro, liderados por “Juliano VP”, protagonista do livro em questão.

Em seu livro, Caco fala também do estilo de vida dos moradores da favela, que no caso, estão sempre em busca de melhores condições de vida. O jornalista faz um retrato social de uma região problemática do Rio. Segundo Eduardo Belo (2006), o livro constitui em uma acirrada investigação sobre a entrada do grupo criminoso Comando Vermelho na favela em questão (p. 70).

Tomando como base este livro-reportagem brasileiro para analisar as diferenças entre o jornalismo literário e o jornalismo diário, uma das primeiras observações que podem ser feitas no que diz respeito a estas particularidades está no uso de codinomes.

O protagonista Juliano VP é na verdade o traficante Márcio Amaro de Oliveira, também conhecido por Marcinho VP. Caco Barcellos não usa nomes verdadeiros, o que faz com que as pessoas reais do livro se pareçam com personagens de ficção. Embora possa ter feito isso para preservar a identidade das pessoas envolvidas, no outro tipo de

narrativa jornalística haveria siglas ou até mesmo notas de roda-pé indicando o porquê da ausência do nome real.

O jornalista também transcreve os supostos diálogos entre seus entrevistados. Caco narra conversas entre traficantes com direito aos palavrões e aos erros de português que teriam feito no momento em que falavam:

Ih, os carnicheiros estão chegando! Deixa chegá perto, não! Caralho, aí! – disse Juliano aos que ficaram de guarda na base do Bar do Guerreiro. A partir deste momento a repercussão da guerra ultrapassaria os limites de Botafogo e do Rio de Janeiro. Pardal e Nein teriam que consertar muito “chuveirinho” na favela. Os combates de Zaca e Cabeludo virariam notícia no Brasil e no mundo (BARCELLOS, 2003, p. 114).

Na passagem acima, o autor transcreve a fala de um dos traficantes quando este fica sabendo da presença da imprensa no morro, chamando os repórteres de “carnicheiros”. Segundo Rosana Soares (2005), “a presença de diálogos no texto jornalístico o torna semelhante ao de uma obra de ficção como o conto ou o romance, além de tornar o ritmo da leitura mais agradável e ser mais persuasivo”.

Diálogos não são muito comuns em jornais convencionais, especialmente aqueles em que os erros de português dos entrevistados são mantidos. O próprio jornalista comenta o fato quando escreve sobre a entrevista que Marcinho VP concedeu a três repórteres de três jornais diferentes e que fez com que ele se tornasse um dos bandidos mais procurados pela polícia do Rio de Janeiro:

Juliano começou a entrevista surpreendendo os repórteres por criticar as drogas e dizer que não tem grandes vícios. As respostas passaram por edição que modificaram bastante o jeito dele falar. Foram publicadas nos três jornais sem gírias e erros de português (Idem, p. 343).

Na verdade, os diálogos foram fundamentais para a escolha do jornalista em escrever de uma narrativa mais romanceada, “histórias como a do helicóptero (...) me

apontaram o caminho da estrutura de romance para o livro, o que me pareceu a melhor maneira de aproveitar o volume impressionante de diálogos presentes nos depoimentos” (p. 466).

Outra peculiaridade do livro de Caco Barcellos, muito presente no *New Journalism* americano, é justamente a narração em primeira pessoa. Na parte final de seu livro o autor dá um depoimento pessoal sobre, entre outras coisas, sobre como e quando foi abordado e sobre como surgiu a idéia de escrever o livro: “Meses depois da história da traição no morro, fui procurado numa madrugada pelo missionário Kevin, que queria me passar uma informação urgente ” (p. 451).

O escritor narra o momento em que o próprio traficante expressa a vontade de ter sua história de vida impressa nas páginas de um livro: “E aí? Li aquele seu livro sobre os crimes dos PMs lá de São Paulo, o *Rota 66*. Não vai escrevê sobre os crimes dos homi daqui, não? É papo sério, aí!” (p. 455). Caco Barcellos se torna, através da narração em primeira pessoa, personagem de seu livro, a exemplo de muitos escritores do Novo Jornalismo.

Em seu depoimento, o escritor expõe também detalhes sobre os lugares onde passou, discorrendo sobre os cheiros, as cores, e até mesmo sobre seus sentimentos e medos, virando parte da história e, fazendo assim, o uso de muitos recursos literários

Em poucos minutos já havia perdido o senso de direção. Entramos num longo corredor que passava por baixo do assoalho de vários barracos de madeira e de alvenaria. Parecia um labirinto de uma grande caverna úmida, quente e que exalava um forte cheiro de esgoto. Pouco antes de uma bifurcação, encontramos o primeiro homem armado. Ele levantou um dos braços para avisar que dali não poderíamos passar. Tinha uma metralhadora pendurada no ombro. (...) Enquanto aguardávamos o sinal verde, para aliviar um pouco o medo, perguntei para o

missionário, em voz baixa, qual dos dois caminhos era o mais seguro para a gente seguir (p. 453).

É importante ressaltar que as descrições detalhadas feitas por Caco Barcellos só foram possíveis a partir de uma pesquisa minuciosa e de um trabalho de apuração rigoroso e difícil. A própria questão da mobilidade dentro da favela foi uma das barreiras enfrentadas pelo repórter durante as apurações, “para aprender a me situar melhor, usei uma pequena câmera para gravar imagens pelos labirintos por onde passava e depois assistia repetidas vezes até gravá-las na memória” (p. 464).

Num livro-reportagem, o repórter tem mais liberdade, é menos limitado para apurar os fatos e descrevê-los. Lima (2004) comenta que o jornalismo trata de reproduzir a realidade concreta, factual, ele comunica fatos, o livro-reportagem como instrumento do jornalismo literário, neste caso, avança “as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe” (p. 7).

A realidade, então, pode ser percebida pelo leitor de uma maneira diferente, como no caso do livro *Abusado*, em Marcinho VP e outros traficantes não são entendidos apenas como bandidos, mas também como seres humanos

Tinham vida sedentária, tediosa, burocrática. Precisavam entender de contabilidade, a atividade exigia liquidez, ter sempre dinheiro a mão para comprar a matéria-prima. E ainda tinham que administrar a contratação e demissão dos vendedores. E a mais importante das tarefas, providenciar pagamento diário ou semanal dos olheiros, aviões e sentinelas; a mesada dos parentes dos parceiros que estivessem presos; a manutenção e renovação do armamento da quadrilha; a oferta de propinas atraentes aos policiais desonestos. O traficante ainda assumia os papéis de conselheiro, padre, delegado, carrasco e juiz das questões mais corriqueiras da comunidade (BARCELLOS, Idem, p. 77).

O jornalismo literário pode transformar a percepção que o leitor tem de certa realidade. Um bandido pode virar herói nas mãos de um escritor jornalista e, embora há

quem critique o excesso de subjetividade no meio jornalístico há de se convir que o jornalismo literário acrescenta algo à mesmice dos jornais do dia-a-dia. À parte suas particularidades, ambos, o jornalismo com base na literatura e o convencional possuem seu papel na sociedade atual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o Jornalismo Literário, Santos (2005) comenta que é necessário construir uma leitura que o compreende de não apenas como sub-gênero localizado entre o jornalismo e literatura, mas como manifestação característica do discurso jornalístico que “busca na aproximação com a literatura uma ferramenta legítima para a execução de um propósito igualmente válido: o emprego da subjetividade como recurso para a apreensão da realidade”.

Um fato, embora percebido de maneira diferente se escrito por um escritor-jornalista, não deixa de ser real. A semelhança com uma obra de ficção não descaracteriza uma situação verdadeira. O que acontece, é que o livro-reportagem pode transformar uma informação factual em história, e é sem dúvida, de acordo com Priscila Oliveira (2006), o resultado mais latente entre jornalismo e literatura.

Os limites que separam a literatura e o jornalismo são, em muitos casos, difíceis de estabelecer. Os dois estilos narrativos estão mesclados e andam juntos desde os tempos mais remotos. Muito diferente da água e do óleo, que não se misturam, o jornalismo e a literatura se confundem pois, possuem um importante objetivo em comum: a arte de escrever ou narrar bem, seja fato ou ficção.

Deste modo, muitos jornalistas de profissão sentem a necessidade de exercitar sua poética narrativa diante dos fatos reais porque na base do ato de escrever está latente um fundamento estético. No jornalismo literário, real e imaginário se fundem numa visão muito particular e subjetiva de apreensão do mundo e dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jorge, s.v. "Verbetes", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 20 de maio de 2008.

BARCELLOS, Caco. **Abusado – o dono do morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, José Domingues de (org.). **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Novatec, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel – escritores jornalistas no Brasil de 1904 a 2004**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

HERSCOVITZ, Heloiza. **O jornalismo mágico de Gabriel García Márquez**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 175-195, 2004. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2080/1823>> Acesso em: 20 de maio de 2008.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, Vozes, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas, o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: UNICAMP, 2004.

NICOLATO, Roberto. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf> >. Acesso em: 20 de março de 2008.

OLIVEIRA, Priscila Natividade. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RANGEL, Juliana Bomtempo; RIBEIRO, Ariane Regina. **A influência do movimento do Novo Jornalismo no jornalismo convencional do Brasil a partir da década de 60, com ênfase na produção de livros reportagens**. Trabalho apresentado ao GT 01 -

Jornalismo, do Intercom Sudeste, 2006. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1904/19446>>. Acesso em 24 de fev de 2008.

SANTOS, Bruno. **O real enquanto narração: um diálogo entre o jornalismo literário e a antropologia interpretativa.** Disponível em : <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1342-1.pdf>>. Acesso em 24 de fev de 2008.

SOARES, Rosana Penha **A influência do new journalism nas biografias escritas por jornalistas.** Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/17196>>. Acesso em 24 de fev de 2008.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.